



ESTÉTICAS DAS RESISTÊNCIAS E O DOCUMENTÁRIO (DOCUMENTO 02): A DANÇA DA AMIZADE – HISTÓRIAS DE URUCUNGOS, PUÍTAS E QUIJENGUES

Gilberto Alexandre Sobrinho
Universidade Estadual de Campinas
gilsobrinho@iar.unicamp.br

RESUMO

Na “Trilogia Afro-Campineira” constam três realizações em documentário, em que dirigi e participei de diferentes estágios da produção. São três curtas-metragens focados em protagonistas de processos culturais, religiosos e artísticos, todos defensores de manifestações de matrizes africanas e seus potentes hibridismos, alocados na região metropolitana de Campinas-SP. Os filmes são *Diário de Exus* (2015), *A Dança da Amizade, Histórias de Urucungos, Puítas e Quijengues* (2016) e *A Mulher da Casa do Arco-Íris* (2017/2018). Desenvolvem-se, nos filmes, o que nomeio como as “estéticas das resistências”, priorizando narrativas afro-diaspóricas, num processo de criação em que confluem estética e política. Esteticamente, o documentário faz convergir os processos de observação, participação (entrevista), performance e poesia, num conjunto de imagens e sons centrados em pessoas e espaços que se organizam comunitariamente em torno de códigos afrocentrados. Politicamente, realçam-se o papel da cultura e da religião na afirmação e construção identitária do povo negro, no Brasil, o que adensa a compreensão do papel da cultura na resistência de um povo. Esse texto documenta o processo de realização do segundo curta-metragem da trilogia, trata-se de *A Dança da Amizade – Histórias de Urucungos, Puítas e Quijengues*.

Palavras-chave: Documentário. A Dança da Amizade. Trilogia Afro-campineira.

IMAGEM 01: *Still* de *A Dança da Amizade* – Sede do Grupo Urucungos, na Vila Teixeira, em Campinas. (Imagem de Felipe Bomfim)





1. O processo de criação, produção e difusão de *A Dança da Amizade – Histórias de Urucungos, Puítas e Quijengues* (2013-2015)

O ponto de partida foi a realização de um documentário sobre o grupo de arte popular *Urucungos, Puítas e Quijengues*, de Campinas-SP. À princípio, o objetivo do documentário consistia em capturar imagens das apresentações das danças populares, ou seja, as marcas ritualísticas do passado (transmitidas oralmente e corporalmente) e, posteriormente, a narrativa documentária deslocar-se-ia para o processo de manutenção do legado dos afrodescendentes em diálogo com a africanidade e a negritude presentes na própria cidade de Campinas. Assim, potencialmente, o referido grupo de danças populares se constituiria em terreno fértil para perceber tanto as transformações das tradições rurais do passado em atividades de danças populares e artísticas na atualidade, quanto o movimento de permanente diálogo entre os afrodescendentes entre si e com a cidade, fazendo com que seus repertórios musicais e coreográficos sigam como importante atualização do legado africano e como memória viva. Isso tudo se concretizou e o processo expandiu nossos horizontes de compreensão do próprio grupo, o que ocasionou em mudanças significativas. Aqui estão registrados o projeto, elementos do processo e da exibição, justamente para partilhar o conjunto do desenvolvimento da criação e disseminação do filme.

Cabe esclarecer que junto ao repertório do samba paulista (mais especificamente do Vale do Paraíba, Minas Gerais e Rio de Janeiro e das cidades interioranas do Estado de São Paulo), o grupo "Urucungos" também conjuga danças do Recife e de parte do interior de Pernambuco e Alagoas, onde executam os chamados "Sambas Nordestinos" (Samba de Umbigada, Maracatu, Bumba-meu-boi, Guerreiros).



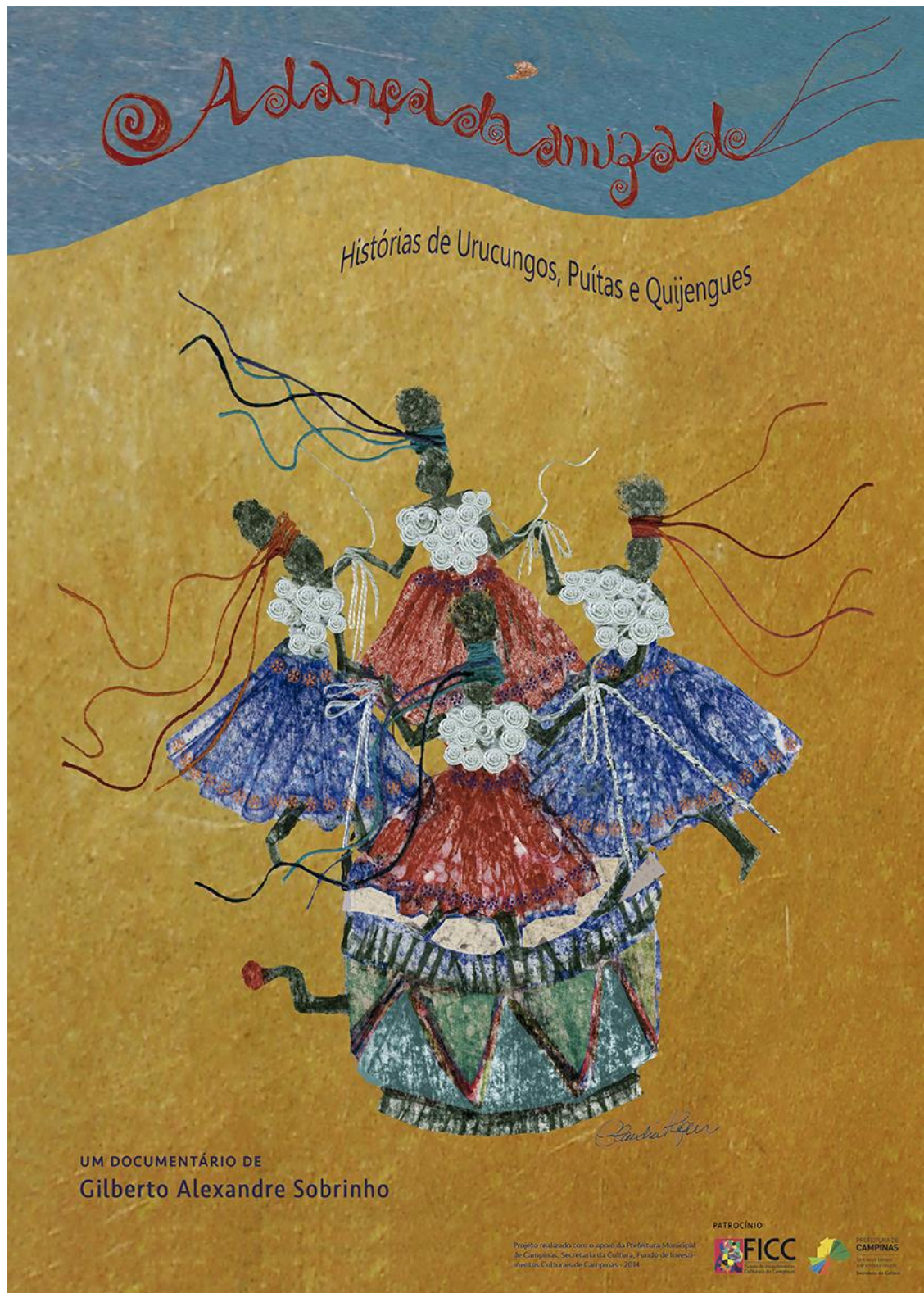
IMAGEM 02 - Still de *A Dança da Amizade* (Imagem de Felipe Bomfim)



Portanto, diante desses elementos, o desafio e a originalidade deste documentário consistiam em tomar o grupo Urucungos, Puítas e Quijengues, primeiramente para contar sua história e, seguidamente, tê-lo como referência para explorar a produção simbólica de matriz africana e dos seus descendentes em Campinas e no Brasil. É importante observar que a riqueza das imagens entrecruzadas que permeiam o universo do grupo "Urucungos" e sua relação com outros grupos de Campinas não corresponde somente ao resultado da luta por pertencimento dos afro-brasileiros. Como explica Muniz Sodré (2005), no livro "A verdade Seduzida", o mosaico constituído em tempos e espaços distintos também é parte da própria estrutura ontológica africana. Essa estrutura rizomática, movediça também se constitui como parte do legado africano para os nossos tempos. Assim, o documentário pretendeu operar com esses elementos, esclarecendo que o mosaico que constitui as relações entre os diferentes movimentos culturais e religiosos dos negros de Campinas não revela um déficit, mas sim uma outra forma de ver, sentir e agir no mundo.



IMAGEM 03 - Cartaz oficial de *A Dança da Amizade* (arte de Claudia Kfoury)



O grupo Urucungos se constitui a partir da entrada da recifense Raquel Trindade (1936-1918), filha do poeta Solano Trindade, primeiramente no curso de dança e, depois, nas artes cênicas,



da Unicamp. Enquanto artista, pensador e ativista das questões da negritude, Solano Trindade considerava as expressões estéticas da comunidade negra um mecanismo de militância contra a discriminação racial. Ao dar continuidade ao trabalho de seu pai, Raquel Trindade também se esforça para dar visibilidade às expressões artísticas provenientes do legado africano. Ao ministrar a disciplina de Folclore, ela traz para dentro da comunidade acadêmica as expressões populares realizadas pelos afrodescendentes. Sua inserção na universidade corresponde à própria reestruturação do movimento negro na década de 1980, período de redemocratização do país, formação e estabelecimento do MNU – Movimento Negro Unificado, do qual ela era uma das expoentes. Cabe lembrar que diferente de seu pai, Raquel Trindade encontra na religiosidade afro-brasileira um elemento a mais para pôr em visibilidade as expressões estéticas dos afrodescendentes. Durante sua permanência no Instituto de Artes, seu trabalho ganha força e extrapola os espaços da universidade, ecoando na própria comunidade afrodescendente de Campinas. Assim, para além das atividades nos cursos de artes cênicas e dança, ela oferece um curso de extensão universitária de grande impacto. A partir dessa iniciativa surgiu o grupo de danças populares Urucungos... que reverbera os anseios dos seus participantes, e também ecoa as tensões e dificuldades do universo acadêmico em lidar com o legado africano.

IMAGEM 04 - Sinhá Rosália (à esquerda) e Raquel Trindade (à direita), still de *A Dança da Amizade* (Imagem de Felipe Bomfim)



O encontro de Raquel Trindade com a comunidade negra de Campinas faz aflorar peculiaridades do legado africano no interior paulista. Merece destacarmos aqui a presença de Alceu Estevam, que trouxe para o grupo o Samba de Bumbo Campineiro, repertório



constituído no seio de sua própria família. Neste sentido, a singularidade do Urucungos se ancora na confluência dos saberes nordestinos (via Raquel Trindade) com os saberes do sudeste (via Alceu Estevan). Deste ecletismo surge um vasto repertório do Urucungos. Nele, dança-se o Maracatu, o Bumba-meu-boi, o samba de umbigada, o coco... (expressões nordestinas), mas dança-se também o samba de bumbo campineiro, o samba lenço rural paulista, o jongo (expressões do sudeste).

Portanto, este documentário se justifica pela possibilidade de registrar e conservar todos estes encontros e tensões na forma de documento audiovisual. Nossa perspectiva é de por em evidências (1) o legado de Solano Trindade transmitidos por sua filha Raquel Trindade, (2) as tensões entre o universo popular e o mundo acadêmico, (3) a fusão do legado “afro-nordestino” (Raquel Trindade) com o “afro-sudestino”(Alceu Estevan), (4) a produção simbólica de matriz africana e dos seus descendentes amalgamada na própria história da cidade de Campinas. Cabe observar que no momento que idealizamos e começamos a planejar os filmes tínhamos a preocupação em relação à idade avançada de Raquel Trindade, bem como à fragilidade da saúde de Alceu Estevan, o que instauraram o tom de urgência do documentário. Ambos faleceram em 2018 e o filme registrou de forma poética os seus legados.

IMAGEM 05 - Alceu Estevam (Imagem de Lillian Bento)





Enquanto roteiro aberto (o roteiro incluído nessa documentação refere-se ao roteiro de montagem) e tomando o grupo "Urucungos" como disparador investigativo do legado africano dentro e fora da cidade de Campinas, o documentário foi conduzido para outros afrodescendentes, cuja trajetória se enlaça à própria história do grupo e da cidade. As danças, apresentações e ensaios, bem como os líderes e artistas representativos do grupo terão lugar de destaque. Mas, tivemos a oportunidade de nos encontrar com mães de santo, como Mãe Dango, com pessoas-líderes expressivas de movimentos afroculturais campineiros, como Alessandra Ribeiro, coordenadora do Jongo Dito Ribeiro; TC, coordenador da Casa de Cultura Nação Tainã, Davi Rosa e Alessandra Gama, do Ponto de Cultura e Memória IBAÔ, entre outros. Mesmo que tais encontros não estejam no formato final do filme, foram momento de grande importância para as trocas cognitivas e afetivas que se realizaram. O resultado final do documentário constitui-se nas tensões que permeiam a luta contra o preconceito racial e a afirmação da resistência política e cultural, mas sobretudo o mosaico (próprio da ontologia africana) legado destas experiências. Partimos, assim, da filmagem de alguns ensaios e apresentações do "Urucungos" e, em seguida, avança-se para uma série de filmagens de sons e imagens da cidade de Campinas, da reação do público, da gravação de depoimentos e entrevistas com os integrantes (Alceu Estevam, Ana Maria Miranda, Rosária Antonia e Elizeus da Cruz) e figuras representativas da região metropolitana de Campinas diretamente relacionadas com a herança africana, em movimentos culturais e religiosos (como o ator e músico Boni, por exemplo). Os procedimentos de filmagem e o estabelecimento de uma estrutura prévia para a montagem final assentam-se sobre o conceito de um mosaico em que se reúnem diferentes registros relacionados sobre o grupo e se estende a africanidade da cidade de modo a compor uma imagem prismática, pessoal e intimista do diretor sobre todo o processo.



IMAGEM 06 - Still de *A Dança da Amizade* – Sinhá Rosália, João Arruda e convidados (Imagem de Felipe Bomfim)



O objetivo final, portanto, foi a elaboração de uma narrativa audiovisual em que se conjuga um registro pessoal da filmagem de grupo de danças populares, e que essas imagens e sons estejam conectados com a história viva desse legado, sendo o conteúdo dessas imagens exteriores aos ensaios e espetáculos, mas diretamente conectadas com pessoas, eventos e espaços da região metropolitana de Campinas e outros territórios.

IMAGEM 07 - Bloco da Kambinda, em Embu das Artes – SP (Imagem de Lillian Bento)





IMAGEM 08 - Ana Miranda (Fotografia de Lillian Bento)



IMAGEM 09 - Zeus (Fotografia de Lillian Bento)



Orçamento (FICC):

Despesas com serviços

Pessoal

Assistente de produção - R\$2.000,00

Assistente de direção - R\$2.000,00

Edição - -----



Som Direto -	R\$2.720,00	
Câmera e Direção de Fotografia -	R\$2.720,00	
Diretor, Produtor e Produção Executiva -	R\$8.700,00	
Cachê (Grupo Urucungos - R\$2.720,00; Raquel Trindade- R\$2.000,00) – Total:		R\$4.720,00
Oficina de realização em Documentários (Pagamento de instrutores, Material didático, e demais itens De produção da oficina)	R\$5.300,00	
Despesas com custeio Câmera de vídeo -	-----	
Imposto INSS/ISS/IRRF –	R\$5.860,00	
Despesas com Contador	R\$300,00	
Despesas com serviços Cartazes -	-----	
Arte gráfica -	-----	
Folder -	-----	
Elaboração Despesas com serviços/ fAutoração do DVD	-----	
Legendagem	R\$ 750,00	
Outras despesas	R\$ 90,00	
Total:	R\$35.160,00	

IMAGEM 10 - Festa do Cururuquara (Fotografia de Alessandro Oliveira)





IMAGEM 11 - Festa do Cururuquara (Fotografia de Alessandro Oliveira)



Roteiro para a montagem (publicamos aqui exatamente o material que foi enviado para a montagem, como se nota, há diferenças entre o roteiro e a versão final)

Logotipos: FICC – Fundos de Investimentos Culturais do Município de Campinas

Secretaria Municipal de Cultura

Faepex – Funde Apoio ao Ensino, à Pesquisa e à Extensão – UNICAMP

IMAGEM	SOM
1) Abertura: Plano Geral da Cidade de Campinas, no Canto Superior Direito, em Branco, o letreiro: CAMPINAS, 2015 Filmagem 18.07 - Cartão 01 - 8750	Filmagem 17.05. Som – 28’15” até 29’24” – MANTER ESSE TEMPO, PARA OUVIRMOS DUAS VEZES O MESMO VERSO
2) Cena do Balaio das águas. Filmagem 31.01 – Cartão 01 – 8074 09’08” até 09’48”	Filmagem 31.01. Som – 150131-001 03’50” até 04’30”
3) Vanessa apresenta Urucungos. Filmagem 04.04 – Cartão 03 – 8296 00’ até 00’25’	Som sincrônico
4) Cena da Ciranda e apresentação do	Som sincrônico



<p>título do filme. Filmagem 13.06 – Cartão 04 – 8706 01'18" até 02'47" Fade – Tela escura</p> <p>Título do filme: A DANÇA DA AMIZADE. Histórias de Urucungos, puítas e quijengues</p> <p>5) Raquel Trindade, a Kambinda</p> <p>- Sequências de imagens do Teatro Solano Trindade, Estátua de Solano (NA IMAGEM DA ESTÁTUA, CORTAR DIRETAMENTE PARA O CORPO INTEIRO, EVITAR IR DAS PERNAS P O ROSTO), Frase na parede: “Pesquisar na fonte de origem e devolver ao povo em forma de arte”</p> <p>- após essa apresentação, ir para o desfile dos orixás, a sequência deverá terminar com Exu olhando para a Câmera – passagem para Raquel Trindade Filmagem 17.02 – Cartão 01 – 8165/8168/8170/8146</p> <p>6) Sequência de imagens da Raquel andando pelo teatro Solano Trindade Filmagem 14.04 Cartão 02 8313 e 8316</p> <p>Imagem da Raquel -Sincronia</p>	<p>O aquecimento dos tamborins, o começo do desfile, segue com o som do samba ao longo da sequência.</p> <p>/Cada ano que passa me dá muita alegria, por eles terem resistido, porque o mais difícil mesmo nesses grupos populares é a resistência, conseguir ficar muito tempo (...) o Solano Trindade são 40 anos, o Urucungos 26 anos./ - OFF</p> <p>Começou quando o Toninho Nóbrega me convida, vem no Embu, para dar aula do movimento dos Orixás, na Unicamp, ai eu me espantei, por que eu não tenho nível universitário, eu tenho o antigo clássico, ele disse, não, você tem sabedoria popular, e me levou pra dança da Unicamp, para dar o movimento dos Orixás. O Celso Nunes viu gostou muito e me convidou para as artes cênicas, e nas artes cênicas eu fui dar aula de folclore, teatro negro no Brasil, e a</p>
--	--



<p>Mostrar sequencia do Grupo Solano Trindade:</p> <p>Filmagem 18.07. Cartão 01</p> <p>8764 – 00’até 35’’Jongo -</p> <p>8765 – 00’ até 33’’ Samba Lenço -</p> <p>8766 – até 37’’Coco</p> <p>8768 – 00’ até 01’06 – Dança dos Orixás</p> <p>8769 – 04’49’’ até 05’26’’ - Maracatu</p>	<p>mistura das religiões, sincretismo religioso no Brasil. Fui pra graduação, e aí vi que na graduação só tinha um negro, chamado Adilson, tinha um Adilson lá no teatro e tinha outro Adilson em outra faculdade, todos negros. Aí eu pedi permissão à Unicamp, pra fazer um curso de extensão, aí vieram negros que eram funcionários da Unicamp, vieram da comunidade negra de Campinas (...) de outras graduações né, aí, como eu vi muita força nesse curso de extensão, eu conversei com ele para nós criarmos um grupo né (...) aí eu dei o nome de URUCUNGOS, PUÍTAS E QUIJENGUES, que são três nomes de origem banto de instrumentos, aí tive a alegria de conhecer Alceu, a turma toda, a Sinhá, a Ana, a Edna, um monte de gente, que foram os primeiros (...)</p> <p>Eu entrei na Unicamp em 1987, em 1988 nós criamos o grupo, e a Unicamp deu todo apoio na época (...)</p> <p>Tudo que minha mãe me ensinou, ela era presbiteriana, e que se Miriam tocava pandeiro, Davi tocava harpa e Salomão fazia poesia que ela podia dançar, então ela me ensinou todo o folclore nacional, com exceção do candomblé e de outras religiões de matriz africana, que eu fui aprender depois, quando fui pro candomblé.</p> <p><i>(...) Mas a mãe dela (avó de Raquel) me levava para ver os maracatus, meu avô era velho de pastoril, minha avó paterna fazia lapinha, presépio, né, quer dizer que é uma coisa desde pequena. Uma festa ligada a outra. (...)</i></p> <p><i>Maracatu, coco, lundu, jongo mineiro, jongo fluminense, samba lenço rural paulista, guerreiros de Alagoas, bumba meu boi de Pernambuco, olha, muitas danças</i></p>
--	--



A ciranda, que é da minha terra, eu nasci em Pernambuco, me criei, fui registrada no Rio, depois fui pra Europa, depois pro Embu, depois pra Campinas, e a ciranda é a dança da amizade mesmo, né (...)

Por que você dança, o certo de dançar, tá de mãos dadas e traz o amigo para junto de si e torna voltar, quando troca o pé, os braços se unem, em roda né, ligados, então é a dança da amizade (...)

Bom eu já tinha ensinado a eles o samba lenço rural paulista, e o Alceu pesquisou mais, e fez o samba de bumbo, que também é daquela região Campinas, Tietê, Piracicaba, que é o samba de bumbo, que é o verdadeiro samba de São Paulo, o samba lenço rural paulista e o samba de bumbo. Que antigamente a Lavapés e a Vai-vai tinham esses dois ritmos (...) Enquanto era cordão, eram esses ritmos, depois que eles passaram a escola de samba que copiaram o ritmo do Rio de Janeiro, no Rio é mais nos pés (...)

Eu tava separando do 8ª marido, tava com câncer, e tava chateada com os colegas, ai eu pedi demissão. Mas a Unicamp me deu uma carta muito bonita. Eu fiquei de 87 a 1992. E depois quem me chamou, Toninho Nobrega, saiu também.

Olha o povo é muito lutador, porque por muito tempo, não houve apoio à cultura popular (...) Então, gente como meu pai, Solano Trindade, a minha mãe, Margarida da Trindade, o Abdias né, foi muita luta né, com o teatro experimental do negro, do Abdias, então foi muita luta, e de uns trinta anos pra cá é que a gente tá tendo um apoio mais forte para a cultura popular.

(...) O que não mudou foi a discriminação racial, ela tá muito pior, muito pior mesmo né, hoje tem mais negros



<p>Pequeno intervalo, sem som, de um plano fixo espaço da entrevista, sem a Raquel – Filmagem 14.04, Cartão 03 - 8324</p> <p>Letreiro: Ana</p>	<p>conscientes, são amigos de todas as raças, mas tem consciência de que é negro, seu valor, mas a discriminação racial está cada vez pior.</p> <p>O SOM DEVERÁ SER OS TAMBORES DA ESCOLA DE SAMBA NOVAMENTE</p> <p>Ana Raquel falou, a gente vai dar um nome para esse grupo agora, ai ela deu o nome Urucungos, Puitas e Quijengues. Deu esse nome para o grupo, ai não ficou o grupo da Unicamp, aí começou a separar né, teve alunos que se formaram, faziam antropologia, foram embora da cidade, foi fazer outras coisas, mas nós continuamos, tocando, mesmo assim, tinha muito aluno. (...) Do Urucungos uma boa parte era negra, mas a maioria não ficou negro porque ficou muito aluno da graduação (...)</p>
<p>Imagens do Maracatu, pelo Urucungos: Filmagem 15.02. Cartão 01. 8120/8121</p>	<p>eu ficava assim pensando, meu sonho dourado, mais de quarenta anos, sempre foi fazer cultura popular, então quando eu via alguma coisa assim, principalmente as danças nordestinas, eu gostava muito, e eu tive aquela pequena vivência com a família do meu pai, a família da minha mãe era assim, todo mundo gostava de banda, mas a família do meu pai, todo mundo samba de bumbo, escola de samba, então pro meu lado paterno desde pequena eu comecei a curtir um pouquinho o samba né.</p> <p>(...)</p> <p>o Urucungos é minha segunda família, pra mim é minha segunda família, eu tenho minha família, logico, mas o Urucungos para mim é tudo, esses meses que eu fico ausente por algum problema de saúde, nossa, como faz falta, o</p>



<p>Letreiro: Zeus – ESSE DEPOIMENTO PODE SER EM OFF, COM IMAGENS DE FIGURINOS E ADEREÇOS</p> <p>Filmagem 13.06. Cartão 01- 8641/8643/8644/8648/8659/ - POR QUE NENHUM DESSES PLANOS FORAM UTILIZADOS? – Eu creio que ficam melhores do que retomar a imagem do maracatu</p> <p>Imagem da Sinhá – Zeus (off) Filmagem 13.06. Cartão 04 – 8708</p> <p>13.06 – Cartão 03 – 8694 – 8695 - 8696</p> <p>MOSTRAR SINHÁ COM SOM AMBIENTE Filmagem 13 05 15 – Cartão 04 8709 –</p>	<p>Urucungos para mim é minha segunda família, eu tenho a primeira, com meus pais e meus irmãos, e a segunda é o Urucungos, isso aqui pra mim... eu amo demais esse grupo, as vezes quando eu vejo que as coisas estão complicando, que a gente tá tendo problema, eu chego a ficar doente, meu Deus não pode, vamos lutar...</p> <p>Aqui poderia entrar ZEUS - Filmagem 13 06 15 – Cartão 02 – 8684 – 10 min 45 – Eu cuido mais do figurino e eu passo também coreografia (de tudo ? ou tem alguma específica) essas que tem aqui eu passo todas. (...) Filmagem 13 06 15 – Cartão 02 8685 – 00:17 – Nós eramos muito tinha bastante beberões do grupo, e nós viajamos, íamos fazer as apresentações e eu fazia, levava as pinguinhas as cachaças temperadas eu botava nome assim para melhorar a voz pra dançar melhor pra quando volta não apanhar do marido eu punha assim e o povo ia bebendo, ah vou experimentar dessa e ia, e o grupo ia desenvolvendo e eu ia fazer essa atividade, ai chegou um dia que o pessoal lá falou, não, não pode continuar isso, o que vamos fazer? Vamos fazer uma assembleia, ai virou uma coisa, uns queria outros não queria uma assembleia, e fomos pra assembleia, pra ver se continuava a bebida ou se parava a bebida, ai foi voto vencido, as meninas venceram.</p> <p>10:05 – Na época mesmo de urucungos mais atrás, a gente até dormia na casa dela, porque ela mora num ovo, mas dá pra todo mundo e come, então é bem divertido o trabalho com esse pessoal mais antigo, o pessoal mais novo vai aderindo e vai integrando, mas o pessoal</p>
---	--



<p>01:36 – Eu vim da capoeira...</p> <p>Severina, Sinhá: Casarão Filmagem 17.05 – 8606 – de 02’46” até 03’47” -</p>	<p>antigo já ficou integrado e desenvolve todo o trabalho(...) –</p> <p>IMAGENS DO ALMOÇO – ESSAS SEQUENCIAS TAMBÉM FORAM ELIMINADAS</p> <p>Filmagem 13 06 15 – Cartão 04 8709 – 01:36 – Eu vim da capoeira... IR PARA O SHOW DA SINHA, NO CASARÃO</p> <p>cont. 02:28 - Foi assim o Alceu fez a pesquisa do samba de bumbo, e ele já veio com uns pontos que canta ai em vários lugares, eu falei eu preciso fazer um ponto meu, ai eu tava indo para casa da minha amiga, e no caminho mesmo foi vindo essas coisas, cheguei na casa dela e escrevi tudo, ai Tem minha camisa é de folha, tem a Severina (...) E essas músicas que eu cantava do Urucungos, e essa Severina eu cheguei a cantar também... fui esticando pra ficar maior.</p> <p>CONT ANA (...) (...) A minha história com o samba de bumbo é aquilo que eu falei no projeto, eu vivenciei aquilo muito pequena, porque os meus avós eram sambador, sambador de samba de bumbo e eles moravam no São Bernardo que era um bairro que mais aglomera negros, agora nem tanto, meus avós eram de escola de samba, minha avó e meu avô eram sambador de bumbo, o meu avô tocava caixinha, e minha avó era dançadeira, o pessoal do São Bernardo mais velho que chegou a reconhece-la fala que a especialidade dela era botar uma garrafa de vinho na cabeça ela era bem negrinha,</p>
--	--



<p>TRANSIÇÃO LENTA, SOBREPONDO-SE AO DEPOIMENTO DA ANA, SUA PERFORMANCE NA CATEDRAL – DO 00segundos até 00:48” ouvimos o depoimento e gradativamente a musica que ela canta vai tomando conta, posteriormente SINCRONIA SOM/IMAGEM do 00:49 até 01’25” – Filmagem 04.04.15 – Cartão 03</p> <p>Filmagem 16.05</p> <p>8543 (FACHADA DA IGREJA) /8546 (OK)/8552 (BUMBO NO MURO)/8554 (OK) /8558 (BUMBO)/8568 (ok)/</p> <p>8572/8573/</p> <p>8575 – plano sequencia de 3’50’</p>	<p>bem magrinha, botar a mão na cintura e dançar na roda com aquela garrafa na cabeça.</p> <p>(...)</p> <p>Os meus avós pegavam caminhão, ia para Indaiatuba, Pirapora por ai, pra cidadezinha onde tinha o samba de bumbo e o samba rodava até o amanhecer, eu tinha seis sete anos, meu pai era o motorista do caminhão, ia dirigindo e tocava mas (...) chegava domingo quando a gente ia almoçar na casa do meu avô tem um lado culinário que eu não esqueço de jeito nenhum, tinha um fogão de lenha, minha avó fazia macarronada, com aquele macarrão comum, molho de carne seca, e massa de tomate e nós ficava ai acabava o almoço e ia varrer o terreirão, terminava o almoço e ia fazer a roda de samba de bumbo, eu era pequenininha mas era a que mais sambava,</p> <p>Em Cururuquara Alceu</p> <p>A minha história com o samba de bumbo, ela vem desde a infância (...) quando nós íamos para Pirapora de Bom Jesus, através daquelas romarias que faziam, que era da Dona Laurentina, que é da Dona Aurora também (...)</p> <p>eu nunca entrava no samba, porque era uma questão muito de respeito, eu tinha receio de errar a batida do samba, e estragar com a roda (...)</p> <p>realmente só entra no samba se você entender esse código, e eu só fui entender esse código na casa do Catumba em</p>
--	---



Campinas, quando estava lá eu, o seu Aluísio, e o TC. Falei pra eles tá tendo um samba lá na casa do Catumba, vamos lá? Eles toparam e nós fomos, chegando lá, o samba correndo solto, ai a primeira vez que eu peguei o bumbo, eu devia tá com uns dezoito anos mais ou menos, e eu peguei o bumbo e eles gostaram (...) o bumbo na verdade, ele é da comunidade, mas a responsabilidade de guardião desse bumbo era o meu avô, o Estevão Ernesto, que passou para o filho dele, e esse bumbo ficou indo para as romarias junto com a comunidade, quer dizer só acontecia o samba quando o bumbo do meu avô chegava. Inclusive o pessoal que vinha de São Paulo, de Jundiaí, de Rio Claro, ficava esperando o samba de Campinas acontecer, porque era Campinas que tinha a pegada do samba.

Pois bem, o meu tio, o Nestão, filho do Esnesto, ele para mim um dia e falou olha, vc vai ter que assumir o bumbo ai, porque é do seu avô, tá na família e tal, mas aí eu fui fazer teatro, e nessa história de fazer teatro eu ganhei o mundo e deixei o bumbo de lado (...)

Ai a Raquel Trindade veio fazer um curso de danças afro-brasileiras na Unicamp (...)

Passou o curso, eu resolvi trabalhar o samba de bumbo dentro do Urucungos, porque o código que ela passou para nós, que era inclusive o código do pai dela o Solano Trindade, que é pesquisar na fonte e devolver ao povo na forma de arte, eu peguei esse mote e falei vou trabalhar com isso daí. Nesse meio tempo, começou a vir todas aquelas lembranças, todos aqueles ensinamentos que estavam embutidos dentro de mim e essa passada de bastão, que eu recebi, de



<p>Em continuação, inserir a apresentação do Alceu, juntamente com sua mãe: Filmagem 16.05 – Cartão 03 - 8592 01'23'' – até 03'40'' – inserir na continuidade da chegada do Samba da dona aurora – deixar – depois vem a fala do Alceu</p> <p>Urucungos: Filmagem 13.06 Cartões 04 e 05 8726 8730 8731 8736 8737 – 03'12'' – 03'49 8738 – 00 até 01'20'' 8739</p>	<p>também de todos os mestres que tinham naquela época, que estavam presentes como Chico do Rei, Catumba, Barriga, Seu Agenor, Seu Ramiro, Damião, (...) Até então não se tinha notícia em lugar nenhum que alguém estava fazendo um resgate do samba de bumbo (...) Foi restaurado o Trovão, que é bumbo que está com o pessoal de Vinhedo, e foi restaurado o Azulão, que é o outro bumbo que está com o Urucungos. E através desta ação, tanto o grupo de Vinhedo, o Samba da Dona Aurora, como o Urucungos, deu um salto no sentido de trabalhar muitas apresentações, com várias oficinas nas escolas (...) foi um renascimento do samba de bumbo. (...)</p> <p>Alceu – no almoço Filmagem 13.06.15 – MVI 8688 – Cartão 2 – 06min20g O samba de bumbo chegou no Urucungos, o Urucungos não é fruto de, por exemplo, o Samba da Dona Aurora, existe porque é um samba de bumbo que falou é o Samba da Dona Aurora, o Urucungos não, ele faz maracatu, boi, jongo e o samba de bumbo entrou no repertório do Urucungos. Então, é lógico que ele não um detentor nato do samba de bumbo, mas uma das preocupações que eu coloquei foi a não estilização do samba de bumbo, porque como eu coloquei anteriormente, o samba de bumbo tem que ser feito como ele é realizado na sua própria fonte. Todas as manifestações do Urucungos, nós trabalhamos com esse conceito, de fazer um jongo como ele é feito na sua fonte, e</p>
---	--



<p>8740 – até 00 59’’ (a partir das duas)</p> <p>A PARTIR DOS 32’10’’ – sobrepor a voz do Alceu com a imagem das duas cantando – bem baixinho – até 32’37’’ – depois a imagem e o som sincronizam no Alceu novamente</p>	<p>não ia ser diferente com o samba de bumbo.</p> <p>(Inserir aqui um poutouri das danças Do Urucungos, filmadas no almoço)</p> <p>(...) a gente entende que há dois processos nisso tudo, um que é preservação da memória, aliás digo 03, preservação da memória, a questão do conhecimento, a gente tem que entender essa cadeia do conhecimento, do processo, para que nós possamos fazer as nossas próprias coisas né, que a gente possa ter voz, na verdade a gente precisa ter voz, ao mesmo tempo que eu estou aqui, eu poderia estar do outro lado produzindo conteúdo, e você transformar isso numa estética que ela possa ser valorizada nos canais de conhecimento como nas escolas públicas, nos movimento sociais, nas universidades, no cinema, na música, é isso...</p> <p>(...) o samba de bumbo foi um código que foi imprimido aqui na cidade, então eu acho que ele é o primeiro elemento da nossa cultura, (...)</p> <p>O Urucungos gente, é um grupo assim que, é uma coisa que tem que ser estudada, porque nós não temos assim uma, um estudo avançado de como nós vamos trabalhar o grupo daqui a cinco anos (...) – excluir essa parte - EXCLUIR. O Urucungos a gente não sabe como a gente organiza ele, a gente vai fazendo as coisas, e vai acontecendo, e nesse processo já fazem 26 anos que estamos assim (...)</p> <p>SARACURA Filmagem 18.07 – 8757 – 04min07 até 06min12</p>
--	---



<p>Filmagem 17.05, Cartão 03, 8632 Imagens das árvores, da apresentação da Sinhá. Plano fixo na sede do Urucungos</p> <p>Letreiro: Um filme de Gilberto Alexandre Sobrinho</p>	<p>Boni Filmagem 18.07 – 8763, 5min15 -</p> <p>Eu – Do Urucungos saiu seu projeto do Saracura, Boni – O Saracura saiu de dentro do Urucungos, a Luiza, a Vani, o Robisinho, o Robisinho chegou bebezinho no Urucungos, cresceu no Urucungos, o Robisinho, a Vani e a Luiza que é uma família né, a Sinhá esteve com a gente no começo.</p> <p>Eu – E o repertório é de samba paulista B – Samba paulista, que eu pensei... com esse incentivo dado a nossa cultura, e eu me sentia a vontade, para que era uma coisa assim, canta samba paulista para mim é gostoso, eu gosto de cantar maracatu, adoro cantar boi, mas quando eu to cantando samba paulista to falando de mim mesmo, do meu povo. Então comecei cantando esse samba, o batuque de Pirapora, que fala “Eu era menino, mamãe disse vamo embora” eu tinha uma vontade louca de cantar esse samba (...) mostrando o samba paulista, o samba rural e o samba urbano (...) Como um rio que passa e vai interferindo na vegetação e criando uma floresta.</p> <p>Entra música com Sinhá – Filmagem 17.05.15 – CARTAO 01 - 8601 – 00:50” até 01’33”</p>
--	--



IMAGEM 12 - Festa no Cururuquara – Entrevista com Alceu e Rosa (Fotografia de Alessandro Oliveira)



Ficha Técnica:

A Dança da Amizade – Histórias de Urucungos, Puítas e Quijengues (2016)

Sinopse: A trajetória artística e de resistência afro-brasileira do Grupo Urucungos, Puítas e Quijengues. Surgido em Campinas, na UNICAMP, no final dos anos 1980, por iniciativa da pernambucana Raquel Trindade, artista e continuadora do legado de seu pai, Solano Trindade o grupo mantém vivo o repertório de tradições populares nordestinas, é uma das principais vozes do samba de bumbo, vertente do samba paulista e emblema da ausência de negros em uma universidade pública.

Direção, roteiro e produção -Gilberto Alexandre Sobrinho

Concepção e Pesquisa - Alessandro Oliveira e Gilberto Alexandre Sobrinho

Direção de Fotografia - Felipe Bonfim

Som direto - Victor Negri

Montagem - Marina Pires

Assistência de Produção - Alessandro Oliveira

Assistência de Direção - Alessandro Oliveira

Fotografia (Still) - Lillian Bento

Edição de Som e Mixagem – Bruno Carneiro

Correção de Cor – Henrique Cartaxo

Grupo de Teatro e Danças Populares Urucungos, Puítas e Quijengues

Alceu Estevam

Ana Maria Miranda

Angélica Fátima de Paula

Cibele Rodrigues

Ernestina Estevam



Evelyn Pires
Jacinta Brito
Luiza Benedita de Arruda Almeida
Maria Lucia Cardoso
Manuela Antonio
Mayra Luiza Rodrigues
Rosangela M. Mateus Santos da Silva
Poliana Sales
Renata Damas
Roberto Bonifácio
Robson Vieira Lopes
Rosa Pires Sales
Rosária Antonia
Vandir Gomes Barbosa
Ivani Vieira Lopes
Elizeus da Cruz
E as crianças:
Alice Sales
Naya Damas
Tais Bueno
Tom Damas
Crianças que não aparecem no filme:
Eloa Bueno
Gabriela Bueno
Lais Helena Pereira Martins
Laura Martins Pereira
Com a participação dos seguintes grupos
Bloco da Kambinda
João Arruda (violão e voz) com Sinhá Rosária (voz) e convidados: Esther Alves (Flauta, percussão e voz), Cris Monteiro (percussão e voz), Yandara Pimentel (percussão e voz), Franco Galvão (violão 7 cordas)
Grupo de Samba de Roda da Dona Aurora
Samba de Bumbo do Cururuquara
Grupo de Samba Saracura: Roberto Bonifácio, Daniel Bueno, Marcos Simplicio, Robson Vieira Lopes, Ivani Vieira Lopes e Daniel Bueno
Crédito de Imagem
Teatro Popular Solano Trindade – Embu das Artes - SP
Centro histórico de Embu das Artes
Catedral Metropolitana de Campinas-SP
128º Festa do Cururuquara - Santana do Parnaíba-SP
Sede do Grupo Urucungos Puítas e Quijengues
Agradecimentos:
Ponto de Cultura e Memória Ibaô
Organizadores da 128º Festa do Cururuquara – Santana do Parnaíba
Marcelo Tomé
Letizia Nicoli



A principal fonte de pesquisa bibliográfica para este documentário é a dissertação de mestrado “Danças populares brasileiras entre a tradição e a tradução: um olhar sobre o grupo Urucungos, Puítas e Quijengues”, de Alessandro José de Oliveira (Unicamp, 2004)

Financiamento:

FICC – Fundos de Investimentos Culturais do Município de Campinas - Secretaria Municipal de Cultura (Edital 2014)

FAEPEX – Fundo Apoio ao Ensino, à Pesquisa e à Extensão – UNICAMP

Distribuição:

O curta-metragem está disponível no Youtube:

<https://www.youtube.com/watch?v=udtoDfLh-Y>

Exibições em Mostras e Festivais:

2016 – 10ª Mostra Curta Audiovisual de Campinas (Campinas, SP)

2016 – 6ª SEDA - Semana de Audiovisual de Campinas (Campinas, SP) – (Foto abaixo na exibição no Ponto de Memória e Cultura IBAÔ)

2016 – 2º Cine Bodó (Manaus, AM)

2016 - Projeção no MIS, Museu da Imagem e do Som (Campinas, SP)

2016 – 6º Cine Debate - Núcleo Afro-Brasileiro de Ilha Solteira (NABISA)

2017 – 10º Encontro Cinema Negro Zózimo Bulbul, Africa, Brasil e Caribe (Rio de Janeiro, RJ - Internacional)

2017 - 2º Cine Tamoio - Festival de Cinema de São Gonçalo (São Gonçalo, RJ)

2017 – 8º Festival Internacional Pachamama - Cinema de Fronteira (Rio Branco, AC)

2017 - Projeção no Espaço CHÃO (São Luís, MA)

2017 - Projeção ADUNICAMP - Associação dos docentes da Unicamp (Campinas, SP)

2017 - Projeção Cineclube Vagalume, Faculdade de Ciências e Letras, Unicamp - Limeira (Limeira, SP)

2018 – Mostra SESC de Cinema – Cinesesc – São Paulo – SP

2018 – Casa de Eva – Campinas – SP



DOC & VINHO
A MULHER DA CASA DO ARCO-IRIS E
A DANÇA DA AMIZADE
 com a presença de Gilberto Alexandre Sobrinho

30/nov
sexta-feira
às 19h30

Exibição de dois documentários numa roda de amigos e em seguida, degustação de vinhos, comes e uma boa roda de conversas.

Sempre com o realizador presente ou alguém que tenha uma relação especial com o documentário

Trazer vinho e comidinhas para compartilhar

Ingresso no chapéu

concepção e curadoria de **SARAH YAKHNI**

R. Des. Antão de Moraes, 588
 Cid. Universitária II - Campinas, SP
 casadeeva.com.br casadeevacampinas

CASA DE EVA

2019 – Cineclube Terracota – Campinas – SP

2019 – Mostra “Múltiplas Vozes da Experiência Negra”, SESC- Campinas, Campinas – SP

2019 – Centro Cultural Brasil – Moçambique (Maputo)

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, Alessandro José de. **Danças populares brasileiras entre a tradição e a tradução: um olhar sobre o grupo Urucungos, Puitas e Quijengues**. 2004. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/284174>. Acesso em: 21 Dec. 2020.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2005.

Recebido em: 22 de dezembro de 2020

Aceito em: 22 de dezembro de 2020